

# *Callipole*

Revista de Cultura

N.º 25 – 2018



Município de Vila Viçosa  
Câmara Municipal

**Propriedade**

Câmara Municipal de Vila Viçosa

**Director**

Manuel João Fontainhas Condenado

**Director Adjunto**

Licínio Lampreia

**Conselho de Redacção**

Ana Rocha

Antónia Ruivo

António Almas

António Rosa

Carlos Filipe

João Ruas

João Tavares

Joaquim Barreiros

José Rosa

Licínio Lampreia

Luís Brito da Luz

Luís Lopes

Margarida Borrega

Mário Tavares de Oliveira

Moisés Cayetano Rosado

Noémia Serrano

Rute Pardal

Sandra Casaca

Tiago Abalroado

Tiago Salgueiro

Cristina Lopes

David Cranmer

Fátima Nunes

Francisco José Pegacha Pardal

João Ruas

Joaquim Saial

José Fernando Borges

Licínio Lampreia

Luís Lopes

Manuel João Fontainhas Condenado

Maria de Lourdes Cidraes

Mourad Bezzeghoud

Noémia Serrano

Ruben Martins

Rui Miguel Lobo

Tiago Passão Salgueiro

Vítor Serrão

**Capa**

Imagem da capa dos números de *Callipole*

© Colibri – Artes Gráficas

**Administração e Redacção**

Câmara Municipal de Vila Viçosa

Praça da República

7160-207 Vila Viçosa

Telefone: 268 889 310 – Paços do Concelho

**Endereço electrónico de *Callipole***

geral@cm-vilaviciosa.pt

**Execução gráfica**

Colibri – Artes Gráficas

**Periodicidade anual (25.º ano)**

**Tiragem:** 500 exemplares

**ISSN:** 0872 5225

**Depósito Legal** N.º 121787/98

**Colaboradores deste número**

Ana Isabel Machadinha

Anabela Pinto de Miranda Rodrigues

António Rosa

Armando Quintas

Bento Caldeira

Carlos Aurélio

Carlos Filipe

Catarina Esperança

Os artigos são da inteira responsabilidade dos respectivos autores.

## ÍNDICE

### NOTA DE ABERTURA

*Manuel João Fontainhas Condenado* ..... 7

### “GRATIDÃO”

*João Ruas* ..... 9

### REVISTA DE CULTURA *CALLIPOLE* (1993-2018): UMA PUBLICAÇÃO COM VIDA

*Licínio Lampreia* ..... 11

### REVISTAS DE CULTURA NO SÉCULO XX PORTUGUÊS – APROXIMAÇÕES CULTURAIS E ARTÍSTICAS À EUROPA

*Fátima Nunes* ..... 35

### PATRIMÓNIO INTANGÍVEL

#### UM REINO RESTAURADO SOB O MANTO DA SUA PADROEIRA: O CULTO A NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VILA VIÇOSA NO SÉCULO XVII

*Francisco José Pegacha Pardal* ..... 49

#### ALGUNS PROGRAMAS SIGNIFICATIVOS DAS FESTAS DOS CAPUCHOS

*Joaquim Saial* ..... 73

### ESTUDOS HISTÓRICOS

#### A COLEÇÃO DE TAPETES DE ARRAIOLOS DO PAÇO DUCAL DE VILA VIÇOSA

*Rui Miguel Lobo* ..... 97

#### IMAGENS DO PODER NA 1ª REPÚBLICA EM VILA VIÇOSA

*Noémia Serrano* ..... 119

#### PORTUGAL COMO PAÍS PIONEIRO DA ABOLIÇÃO DA PENA DE MORTE

*Anabela Pinto de Miranda Rodrigues* ..... 133

#### “O COMPROMISSO DA CONFRARIA DE MISERICÓRDIA”

IMPRESSO EM 1516

*João Ruas* ..... 143

#### OS EX-VOTOS DO SANTUÁRIO DO SENHOR JESUS DA PIEDADE

*Maria de Lourdes Cidraes* ..... 159

## Índice

### ESTUDOS DO PATRIMÓNIO

OS FRESCOS MANEIRISTAS DA IGREJA DE SANTO ANTÓNIO DE VILA VIÇOSA <i>Vítor Serrão</i> .....	181
BREVE APONTAMENTO HISTÓRICO DA FREGUESIA DE SÃO BARTOLOMEU E DA IGREJA DE SÃO JOÃO EVANGELISTA DE VILA VIÇOSA <i>Carlos Aurélio</i> .....	217
DECADÊNCIA DA CAPELA DUCAL DE VILA VIÇOSA (1640-1644) <i>Catarina Esperança</i> .....	225
O P.º JOAQUIM JOSÉ DA ROCHA ESPANCA (1839-96) E A MÚSICA <i>David Cranmer</i> .....	253
A ARQUEOLOGIA INDUSTRIAL DO MÁRMORE DO ALENTEJO: PAISAGEM E MAQUINISMOS – O CASO DAS GRUAS DERRICK <i>Armando Quintas e Carlos Filipe</i> .....	273
RECONHECIMENTO DO MÁRMORE DE ESTREMOZ COMO PEDRA PATRIMÓNIO MUNDIAL <i>Luís Lopes e Ruben Martins</i> .....	293
A SISMICIDADE DE PORTUGAL <i>Mourad Bezzeghoud, Bento Caldeira e José Fernando Borges</i> .....	311

### MUSEUS, TERRITÓRIO E INTERACÇÃO COM A COMUNIDADE

A COLECÇÃO DE CHOCALHOS DO MUSEU-BIBLIOTECA DA CASA DE BRAGANÇA <i>Cristina Lopes e Tiago Passão Salgueiro</i> .....	327
O MUSEU DOS CRISTOS DE SOUSEL <i>Ana Isabel Machadinha</i> .....	343

### RECENSÕES CRÍTICAS

“O Convento dos Agostinhos de Vila Viçosa, panteão dos duques de Bragança”, Fundação da Casa de Bragança, 2017, de Miguel Soromenho <i>António Rosa</i> .....	355
“Torre do Cabedal e Pomar D’el Rei – património esquecido de Ciladas – Vila Viçosa”, de Tiago Salgueiro DA INESTIMÁVEL CONTRIBUIÇÃO <i>João Ruas</i> .....	363

# REVISTAS DE CULTURA NO SÉCULO XX PORTUGUÊS – APROXIMAÇÕES CULTURAIS E ARTÍSTICAS À EUROPA

Maria de Fátima Nunes\*

## A abrir pistas

Em Madrid, 2018, Fernando Pessoa foi pretexto para uma exposição de pintura no Museu Reina Sofia. Da literatura de heterónimos e de um Pessoa refletido em várias revistas culturais, passou o curador português (subdiretor João Fernandes) para uma exposição de pintura, de pintores portugueses que atravessam a fronteira e abrem horizontes aos milhares de visitantes que mensalmente deambulam pelo triângulo dourado dos Museus da capital espanhola<sup>1</sup>.

Pessoa entrou no Museu Rainha Sofia, porque “Tudo é uma forma de literatura”, reúne obras de arte de mais de 20 artistas portugueses. O poeta arrastou – a partir de 7 de maio de 2018, 160 obras de arte (pintura, desenhos e fotografia) envolvendo 20 artistas, com particular destaque para José de Almada Negreiros, Amadeo de Souza-Cardoso, Eduardo Viana, Sarah Affonso, Júlio, Sonia e Robert Delaunay, ou seja nomes fundamentais da história do Modernismo em Portugal, o que irá ser uma “uma grande revelação” para todos os que ali deambularem<sup>2</sup>.

Queremos, pois, introduzir o tema das revistas culturais em Portugal como um terreno híbrido e muito polissémico, cruzando territórios, autores, editores, linhas de pensamento europeu e laivos de pátrias afetivas de diferentes modelos ideológicos<sup>3</sup>. As várias centenas de títulos que se alinham na obra de repertório

---

\* Universidade de Évora, IHC-CEHFCi-U.E. – mfn@uevora.pt

<sup>1</sup> Museu Reina Sofia, Museu do Prado e Museu Thyssen.

<sup>2</sup> Informação retirada de <https://gulbenkian.pt/noticias/fernando-pessoa-em-madrid/> [acedido 16 março 2018].

<sup>3</sup> Cfr. Fernando Catroga, *A geografia dos afectos pátrios*, Coimbra, Almedina, 2013 que nos lança nos territórios pátrios do século XIX, onde as publicações periódicas jogaram um papel

e de referência fundamental de Daniel Pires<sup>4</sup> são pretextos para podermos lançar olhares interpretativos sobre a sociedade portuguesa e a sua relação com o mundo – Europa, espaços coloniais e o «resto do mundo».

Foi esta interação de «pensar fora da caixa» desta exposição que nos aninou a alinhar ideias, títulos, épocas. Por detrás da rede de pintores da sua época estão autores de artigos e dinamizadores de revistas de cultura e de literatura onde Pessoa colaborou. Este facto, uma exposição em Museu de arte internacional, tão perto de nós – Madrid, com ligações transfronteiriças vitais – faz pensar como falar de revistas é uma rede de contactos e uma rede de nomes da cultura e da criatividade artística em Portugal que sempre refletem o que se passa fora de portas, afinal não estamos acantonados ao último espaço fronteiriço da velha Europa? A tradição de publicações periódicas a ocupar o espaço público, num alinhamento internacional, europeu e americano. O espaço metropolitano e os espaços coloniais que precisavam de ser ocupados com difusão de literatura, e ciência e modernidade, de cultura de vários matizes.

E quando chega a novidade material do uso de fotografia as revistas culturais atingem um ponto importante de difusão para atingir públicos ainda mais diversificados. Mas revistas não são apenas veículos de difusão de ideais, de ideais, de sonhos, projetos. Elas são materialidades em papel, tintas, imagens, textos, cheiros que cruzam horizontes e reúnem contributos de intelectuais envolvidos com o espaço público<sup>5</sup>.

Diremos que o século XX respirou por estas páginas, herdando uma memória de imprensa, de revistas culturais de afirmação nacional e municipalista que se foi robustecendo ao longo das várias cronologias ideológicas e políticas do Portugal novecentista: fim de Monarquia, República, Estado Novo, chegando a deixar pontes para o tempo da Democracia poder recriar, renovar, adaptar. Exemplos? Respiquemos alguns, bem conotados e vivos na memória coletiva da sociedade portuguesa. Por parte da Fundação Calouste Gulbenkian apontamos *Colóquio Letras/ Colóquio Artes; Colóquio Artes e Letras*; mas avançamos em outras direções, com a *Vértice*, com a *Brotéria*, a *Biblos*, a

---

de relevo na difusão de uma nacionalização de pátria comum. Em tempo recuado o nosso trabalho sobre imprensa cultural e científica abriu-nos horizontes para o papel instrumental de títulos de publicações periódicas, das Luzes e do Liberalismo que tiveram para a modernidade e para a difusão de uma cultura literária, científica e técnica ver Maria de Fátima Nunes, *Imprensa Periódica Científica (1772-1852) Leituras de "Ciência Agrícola" Em Portugal*, Lisboa, Ed. Estar, 2001.

<sup>4</sup> Referimo-nos aos instrumentos de trabalho fundamentais para enfrentar este universo imenso de títulos de publicações literárias vs. culturais. Ver Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX (1900-1940)*, Lisboa, Ed. Grifo, 1996; Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX, vol. II, tomo I (1941-1974)*, Lisboa, Ed. Grifo, 1999; Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX, vol. II, tomo II (1941-1974)*, Lisboa, Ed. Grifo, 2000.

<sup>5</sup> Cfr. Clara Rocha, *Revistas literárias do século XX em Portugal*, Lisboa, IN/CM, 1985

*Humanitas*, o *Boletim da Cidade de Évora*, o *Jornal do Fundão*, a *Revista de Guimarães*, a *Seara Nova*, *O Tempo e o Modo*, a *Raiz e Utopia*. Locais, projetos, ideias que catalisaram uma plêiada gigante de artigos, de textos de autores que conseguiam ultrapassar os limites de censura e imposições à liberdade de expressão.

E no prolongamento de XIX para XX, nos factos municipalistas, destacamos a revista *Tradição*<sup>6</sup>. Uma lenda de cultura etnográfica de um Alentejo em Serpa, sob o mecenato e a importância do Conde de Ficalho e de várias outras gentes de elites sociais e culturais de época, gente que projetava para as páginas da revista ecos do que em Etnografia e Arqueologia se ia fazendo pela Europa dos nacionalismo e dos Estados-Nação. E hoje, esta revista – alvo de edição fac-similada, com responsabilidade da Câmara Municipal de Serpa – é uma das importantes fontes para o estudo de várias camadas existentes no Alentejo de periferia, ou num Alentejo de fronteira, a caminho de um centro de onde vinham modas e ventos culturais e inovadores.

Em tempo de I Grande Guerra, as revistas marcaram igualmente o tempo de texto informativo e doutrinário, artigo os recortes sobre o que estava a acontecer. *A Guerra Ilustrada* (Dezembro 1917 – Setembro 2018)<sup>7</sup> e *Portugal na Guerra* (Junho 1917 – Dezembro 1917)<sup>8</sup>, duas publicações que traziam a Europa da Guerra para o espaço público e privado da I República, em rede com agências noticiosas internacionais. Matriz da ideia? Claramente a publicação que se impunha nas casas das elites para acompanhar o mundo português e o mundo internacional – ou seja a *Ilustração Portuguesa* que teve nascimento de glória em 1903 (ainda em tempo de Monarquia e um fim em 1993, em tempo de Democracia) e cuja principal marca foi desde o início o uso da fotografia e da sua capacidade (teoricamente) objetiva e positiva de relatar e noticiar a realidade e a informação<sup>9</sup>, evidenciando como a positividade da fotografia era um mecanismo de sedução do público leitor

Estamos, pois, perante sinais vivos de persistências e de inovações. Seguir cada um destes títulos permite tecer várias páginas, encomendar várias teses de académicas, em diferentes campos disciplinares das Ciências Sociais e Humanas, formando diferentes graus de proximidade entre a cultura em Portugal e a cultura na Europa que em Portugal. João Gaspar Simões escrevia na *Presença*, número 5<sup>10</sup> – [1927] que “[...] não é a europeização de Portugal

---

<sup>6</sup> [http://ric.slhi.pt/A\\_Tradição/revista](http://ric.slhi.pt/A_Tradição/revista) [acedido 06 Abril 2018]

<sup>7</sup> Typographia da Empreza do Jornal Ilustrado. Illustrated London News & Sketch, Ltd., Milford Lane, Londres, Inglaterra.

<sup>8</sup> Revista Quinzenal Ilustrada. Director-Augusto Pina, *Redacção, 3, Rue de Villejust – PARIS*.

<sup>9</sup> <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/IlustracaoPortuguesa.htm>

<sup>10</sup> De particular relevo o ano deste número 5 – 1927, ou seja em fase inaugural de Ditadura Militar e do encerramento de liberdade de circulação de ideias e cultura, de forma livre, aberta e universal.

que nos deve apavorar mas a sua *provincianização*<sup>11</sup>...». E quanta diversidade, e quantidade, de títulos e de artigos circularam como leitura nos anos vindouros, em ambiente de debate, em contexto de sociabilização cultural, em forma de diálogos invisíveis e cruzados o que se realizavam através de polémicas entre autores e entre revistas. Forma de resistir, invisibilidade de presença de ideais em debate e arautos de modernidade e de novidades de onde começava, realmente, a Europa – do outro lado dos Pirenéus. E estas publicações já não seduziam o público leitor em função da fotografia, mas antes do desenho de artes plásticas, do arranjo gráfico de cada número, de cada capa, das ilustrações – quase dados complementares e interpretativos de textos publicados – que acompanhava cada número e cada artigo. Uma junção perfeita entre literatura – cultura e artes plásticas, uma simbiose idiossincrática que muito fortaleceu a construção de marcas de identidade de muitas das revistas de cultura do século XX.

As revistas são atores coletivos que conseguem atuar, muitas vezes, com comprometimentos sociais muitas vezes comprometimentos, cívico, intelectual que nos ajuda a entender parte do travejamento da Nação e do caldo cultural de cada época do século XX – fim de Monarquia, República, Estado Novo e o novo tempo de liberdade de expressão – o tempo da afirmação e desenvolvimento da Democracia.

### Humanidades Digitais e revistas culturais

Hoje temos os reportórios em papel – livros – de história da imprensa, dicionários de imprensa periódica, estudos sobre imprensa. Um Autor, erudito, estudioso dos temas imprensa literária portuguesa se destaca na segunda metade do século XIX a figura incontornável de Daniel Pires, já referenciado e caracterizado anteriormente. Um trabalho de recolha minucioso por catálogos das Bibliotecas institucionais (Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca Pública do Porto, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca Pública de Braga), verteu muito tempo útil de pesquisa e de interação em variados outros locais dispersos pelo país, como as bibliotecas de municípios e até alfarrabistas e catálogos de livros para venda em leilão. Podemos afirmar que há um tempo para visitar revistas culturais em Portugal entre Daniel Pires e Luís Crespo, o projeto digital de Revistas de Cultura em Portugal – <http://ric.slhi.pt/><sup>12</sup>.

A necessária cadeia genealógica que é necessário fazer entre estes dois vultos do labor de trabalhar com revistas e publicações periódicas de fim de século XIX e século XX reflete igualmente o tempo de mudanças e de alteração tecno-

<sup>11</sup> *Apud.* Clara Rocha, *ob. cit.* p 79, nota 3.

<sup>12</sup> Ver recente entrevista do coordenador em artigo do jornal *O Público*, «O século XX em revista(s)» – <https://www.publico.pt/2018/03/31/culturaipilon/noticia/o-seculo-xx-em-revistas-1808525/amp> [acedido 03-04-2018]

lógicas verificadas. Investigadores, eruditos, e público em geral têm hoje um acesso quase instantâneo aos suportes de leitura existentes. Porém, sem os três volumes do *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX*, de Daniel Pires, sistematizado, com índices remissivos, bibliografia ativa e passiva, e índices geográficos<sup>13</sup>, a sofisticação tecnológica do acesso digital, imediato, elegante, informativo, não teria sido possível, ou pelo menos teria demorado muito mais tempo a ser disponibilizado ao público, a todo o público da sociedade de informação.

O grande deslumbre de ter acesso imediato às revistas, imagens – traço artístico, informação técnica, fotografias, *écrans* que convidam a entrar num mundo mágico digital que nos traz um novo século XIX em Portugal. O simples gesto de carregar na fórmula de *www* de responsabilidade de Luís Crespo, permite-nos ter uma visão de conjunto (ainda em construção) de um conjunto de títulos que marcaram a vida cultural em Portugal ao longo do século XX. E esse olhar de conjunto permite observar as continuidades e as inovações nos títulos e nos artigos, nos Autores e nas redes de contacto que cada título inevitavelmente congregava<sup>14</sup>.

E como fazer investigação, hoje, com estas fontes históricas que são também material para jornalismo de investigação, para projetos de artes figurativas ou de teorias literárias? A forma de trabalhar, hoje, século XXI, este tema passa por nos ligar-nos às plataformas digitais, à fase do *open access*, aos projetos digitais que nos abrem novas janelas e nos permitem a comparabilidade rápida e eficaz, para além da pesquisa orientada e com elementos de crítica científica.

Movimentos culturais e artísticos que nos cruzam autores, títulos, imagens, desenhos, evocando em nós a simbiose do papel no seu tempo, e hoje, das revistas culturais. Este Seminário de História das Ideias (sob a coordenação de Luís Crespo) – revistas de ideias e cultura identifica-nos a Renascença Portuguesa, Modernismo vs. Vanguardismo e Anarquismo que se abre em duas plataformas informativas – documentação de / pesquisa conjunta. E tudo se ilumina, tudo se torna clarividente para a eficácia destes objetos de trabalho.

Podemos seguir Autores, temas, capas, e ilustrações [*Seara Nova / Portugal Futurista / Raiz e Utopia / O Temo e o Modo*]; sentir a materialidade plástica e a substância das ideias, pasmamos com a novidade de correntes estéticas, de fotografias artísticas (e não meramente informativas e de reportagem), de palcos

<sup>13</sup> Cfr. Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX (1900-1940)*, Lisboa, Ed. Grifo, 1996; Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX, vol. II, tomo I (1941-1974)*, Lisboa, Ed. Grifo, 1999; Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX, vol. II, tomo II (1941-1974)*, Lisboa, Ed. Grifo, 2000.

<sup>14</sup> O site <http://ric.slhi.pt> [acedido 08 Abril 2018] tem um conjunto de informação complementar e dinâmica, como dados adicionais, informação bibliográfica, motores de pesquisa temáticos que nos ajudam a desconstruir os artigos em palavras chave, em eixos temáticos, cruzando títulos de revistas e de artigos com outras fontes contemporâneas; um caldo cultural rico e que em muito ultrapassa os instrumentos de trabalho, em formato papel/livro, de Daniel Pires, um nome incontornável para alimentar todo este edifício digital e de novidades de modernidades tecnológicas.

cenográficos; entramos no imaginário de como os responsáveis viam, sonhavam, e observavam o mundo, o de muito perto e o outro, o mundo distante, mas tornado próximo pela força do papel, de letras impressas e em circulação. Mas mais importante, como registavam o que viam, o que pensavam, o que utopicamente sonhavam e também a agudeza da crítica e da intervenção social e política.

Fazer o rol de disponibilidades de *open access* é tarefa grande. Clara Rocha<sup>15</sup>, já em 1985, abordava a temática e a sua pertinência. O Arquivo Nacional da Torre do Tombo disponibiliza uma lista de títulos e de *links* de e publicações onde encontramos matéria-prima para os nossos objetivos<sup>16</sup>. E se a tudo isto juntarmos o papel das bibliotecas digitais privadas e públicas que contêm revistas podemos entender como o universo das revistas de cultura é uma vasto oceano que já necessita de coordenadas de navegação, para que não haja naufrágios. Elas são claramente parte constitutivas de finos traços da nossa identidade cultural e da nossa memória coletiva. Referências especiais à rede *Europeana* [europeana local]<sup>17</sup> a qual acolhe a <http://colecoes-digitais.wikidot.com/portug> e que agrega as coleções da BNP<sup>18</sup>, da Hemeroteca Digital<sup>19</sup>, repositórios vitais para trabalhar em qualquer parte do mundo a temática das revistas de cultura em Portugal no século XX. Ao longo deste ensaio foram já enumerados os títulos de referência para percebermos que a profunda ligação de artistas plásticos, escritores, publicistas e protagonistas de empreendimentos culturais de vulto. Modernidade e vanguardismo ligavam-se a ousadias e crítica ideológica, cultural decorrente de muita da cultura europeia que chegava por canais diversificados ao canto da Lusitânia. E que serviam vários objetivos.

Façamos viagem rápida ao atual Centro Nacional de Cultura que dá grande revista *Panorama Revista Portuguesa de Arte e Turismo* do período do Estado Novo. Uma publicação ideológica, da política do espírito sob a batuta do cenógrafo de ideias do regime, António Ferro. O interessante deste olhar de Ano Europeu do Património Cultural – 2018<sup>20</sup>, para o «Panorama, Revista Portuguesa de Arte e Turismo» nasceu em 1941, por iniciativa de António Ferro, tendo publicado quatro séries até 1973, dentro da preocupação de promover, interna e externamente, Portugal como destino turístico<sup>21</sup>. *Panorama* em tempo de Democracia e da visão cultural de Guilherme de Oliveira Martins em que nela enaltece a construção

<sup>15</sup> Clara Rocha, *ob.cit.*

<sup>16</sup> Cfr <http://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2008/10/2013-Periodicos-TT-online.pdf> [acedido 6 Abril 2018]. Uma longa listagem de títulos de variadas temáticas e épocas que por sua vez nos remetem para outras janelas digitais específicas de cada título.

<sup>17</sup> <https://www.europeana.eu/portal/en> [acedido 6 Abril 2018].

<sup>18</sup> <http://purl.pt/index/geral/PT/index.html> [acedido 6 Abril 2018].

<sup>19</sup> <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt> [acedido 6 Abril 2018].

<sup>20</sup> <https://ec.europa.eu/portugal/news/european-year-cultural-heritage-2018>. [acedido 6 Abril 2018].

<sup>21</sup> Cfr. <http://www.e-cultura.sapo.pt/artigo/21840>. [acedido 6 Abril 2018].

da identidade cultural, o papel que teve na época para o turismo e para o património cultural português. Um discurso repleto de signos e de significados de património cultural, no século XXI, a partir da reconstrução/releitura de uma memória desta revista de longa duração (1941-1973). Este caso faz-nos refletir sobre o imenso capital cultural e intelectual destes baús esquecidos e deixados nas prateleiras de bibliotecas e de arquivos. A leitura de Oliveira Martins, em 2018, permite perceber a plasticidade informativa que as revistas de cultura têm e como a construção de identidades culturais e a abertura de janelas de público entendimento do passado para o presente nos faz tecer finas teias de memória reconstruída. As revistas são, pois, um inestimável repositório de informação para pensarmos o tempo presente e para ousar planejar o devir.

E o leitor de hoje faz escolhas sobre o passado, seleciona, elege e apaga do seu referencial de visão do mundo outros exemplos, outros títulos de parentesco, como *A Revista dos Centenários* que foi o órgão da Comissão Executiva da Comissão Nacional dos Centenários, presidida por António Ferro, sendo o seu objetivo principal propagandar a Exposição do Mundo Português que começa em 1939, ou seja com o fim propedéutico de fazer a preparação do público, tendo a duração de seja 31 Janeiro 1939 a 31 Dezembro 1940<sup>22</sup>.

Mas esta referência não se cruza com a identidade de imagem pública do Centro Nacional de Cultural, o que evidencia a existências de escolhas «transcronicas» que separam datas de contexto para estabelecerem ligações a novas plataformas de ideias. Paradoxos? Talvez não; se nos lembrarmos do percurso de Almada Negreiros como intelectual avesso ao Estado Novo, como artista que emprestou a sua colaboração plástica a tantos e tantos títulos de publicações literárias vanguardistas do século XX, que deixou marcas plásticas inconfundíveis na renovação arquitetónica e urbanística de Lisboa do seu tempo<sup>23</sup>. Significa que as revistas são componentes estruturantes para os tão propagandeados formatos digitais aparelharem identidades culturais dos seus responsáveis. Sem contradições, antes com tempos de escolha e de seletividade.

Outro caso emblemático da construção de identidades por parte de uma instituição de memória, por via de arquivos digitais e da difusão de ideias é a singularidade da Casa Comum – Fundação Mário Soares<sup>24</sup> que disponibiliza um acerto temático de revistas de Ideias e Cultura, onde encontramos as publicações clássicas da difusão de ideias e de temáticas fulgurantes e polémicas arrebatado-

<sup>22</sup> <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RevistadosCentenarios/RevistadosCentenarios.htm> [acedido 6 Abril 2018].

<sup>23</sup> Bem presente se encontra ainda a Exposição inesquecível da Fundação Calouste Gulbenkian: «José de Almada Negreiros, uma forma de ser moderno». <https://gulbenkian.pt/museu/evento/jose-almada-negreiros-maneira-moderno/>. [acedido 6 Abril 2018]. A consulta do Catálogo produzido para a Exposição pode tornar-se num elemento vital como chave de abertura de várias pontas aqui abertas em torno das revistas de cultura do século XX.

<sup>24</sup> Cfr. [http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e\\_21](http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_21). [acedido 6 Abril 2018].

ras na sua época. Na Casa Comum, *on line*, encontramos *A Águia*, *A Sementeira*; *A Vida Portuguesa*; *Alma Nacional*; *Atlântida*; *Germinal*; *Nova Silva*; *O Tempo e o Modo*; *Sol Nascente*. Referentes de um século XX pleno de debates que nos conduzem à ideia de conjugar Literatura e Cidadania no espaço público possível das malhas de uma censura de lápis azul.

### Revistas culturais e instituições

O travejamento cultural do país pode ser caracterizado, também, pelo sucesso e pelo impacto das suas publicações de marca. A Universidade de Coimbra traz desde o século XIX *O Instituto* (1853) vindo juntar-se ao longo do século XX a revista *Biblos* (1925), a *Humanitas* (1950) ou ainda fora do espaço institucional a *Vértice* (1942). Reflexo de uma cidade – «alma mater» assim designada – com fortes esteios de sociabilidade literária e de pensamento, articulada com uma população académica inserida numa a sociedade culta, letrada e de elites de leitura. E depois Coimbra vai ter o desassombro de publica *Fenda*, 1979<sup>25</sup> como sinaliza Clara Rocha, para se lançar num espanto de discurso, de salto de recorte temporal para se focar apenas na fronteira de território novo conquistado para as revistas culturais e literárias da cidade da velha Universidade. E do velho sempre se faz o novo, e da permanência surge a criatividade da inovação.

E no registo de inovação os anos 60 são profícuos em novidades<sup>26</sup>. Prolonga-se o efeito temático de grupos culturais de Lisboa que falavam pelo respirar de leitura de *Raiz e Utopia* e de *O Tempo e o Modo* para em novas jornadas intelectuais muitos dos nomes deste universo de comprometimento de intervenção no tempo social da época surgirem sob a capa de mecenato cultural da Fundação Calouste Gulbenkian e da genealogia de signo mágico: *Colóquio* (Artes e Letras e depois Letras). Lisboa, Coimbra e Porto foram, pois, as urbes envolventes do elevado número de publicações institucionais que foram marcando as diferentes décadas do espaço público. Estes três locais de publicação são caracterizados pela existência de uma vida universitária e académica ativa, envolvendo diferentes gerações e *tribos* distintas das Artes & Cultura, vivências e errâncias intelectuais tal como as obras de referência de Clara Rocha e Daniel Pires analítica e empiricamente evidenciam no que toca ao número de títulos novos e longevidade<sup>27</sup>.

<sup>25</sup> Clara Rocha, *ob. cit.*, pp. 76-89

<sup>26</sup> Cfr. Daniel Pires *ob. cit.* e Clara Rocha *ob. cit.*

<sup>27</sup> Cfr. Daniel Pires, *idem*.

### Revistas Culturais num recorte alentejano

Mas o país tem outras dinâmicas<sup>28</sup> que se estruturam em outras vivências, outras sociabilidades que derivam da existência de um Sociedade científica, da prática cultural existente no Liceu, ou em fase mais recente pelo dinamismo do pelouro da Cultura das Câmaras Municipais. Estes mecanismos de produzir cultura, sob a forma de uma revista, permitem outras construções de marcas identitárias de um território, de uma região específicas. Recordamos como referência de longevidade da *Revista de Guimarães* (1884), da Sociedade Martins Sarmento<sup>29</sup>, e que nos permite articular um espaço geográfico cultural, um conjunto de atores ativos comprometidos num projeto de prática cultural, com o claro objetivo de difundir regularmente os frutos culturais por todo um território – regional, nacional, internacional. A partir desta cumplicidade de Guimarães e *Revista de Guimarães* vs. a Sociedade Martins Sarmento levou-nos de regresso, última vez mais, a folhear «Índice Geográfico» sistematizado por Daniel Pires<sup>30</sup> que permite obter um mapeamento geográfico do país com base nos títulos das publicações que tipografias locais fizeram funcionar ao longo do século XX. Num dimensão quantitativa destacam-se cidades mais produtivas e interventivas que vale a pena registar, para depois ficar a pensar, em moldes de condicionamentos culturais e sociais; falamos de Évora, Funchal, Setúbal, Viana do Castelo, Viseu, cidades que registaram mais de cinco títulos até 1940<sup>31</sup>.

Focando no caso do território Alentejo, de cidades com rostos de identidade cultural sob formato de revistas, realizámos o exercício de levantar onde estão estes mecanismos de socialidade e de difusão da identidade cultural da cidade e área envolvente. E foi este rápido exercício que nos levou a entender como as alterações proporcionadas pela «Revolução dos Cravos de 1974» foram determinantes para o poder autárquico democrático ter assumido e coordenado este papel de uma Câmara e uma Revista Cultural, movimento enquadrado pelo «fazer história» dos anos 80 em Portugal, ou seja a dinamização cultural da História Local e Regional que cobriu todo o país, envolvendo autarcas, historiadores, atores locais, eruditos de longa duração e um empolgante entusiasmo por fazer, e refazer, a história do território do município que sempre evidencia reflexos da velha Europa, matriz civilizacional em que se insere o todo da velha Lusitânia.

Revistas culturais do Alentejo intimamente relacionadas, e dependentes do pelouro cultural do Município que dinamizam uma vasta comunidade em rede de co-

<sup>28</sup> Cfr. Fernando Catroga, *ob. cit.*, com especial destaque para a Parte 5: «O patriotismo das pequenas pátrias», pp. 265-386.

<sup>29</sup> [http://www.csarmento.uminho.pt/ndat\\_63.asp](http://www.csarmento.uminho.pt/ndat_63.asp) [acedido 6 Abril 2018].

<sup>30</sup> Cfr. Daniel Pires Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX (1900-1940)*, Lisboa, Ed. Grifo, 1996.

<sup>31</sup> Daniel Pires, Daniel Pires, *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do século XX (1900-1940)*, Lisboa, Ed. Grifo, 1996; pp. 283-391



laboradores e de autores regulares em articulação com outros que dinamizam os famosos números temáticos. Dar a conhecer a identidade do território, das gentes, do passado e da memória patrimonial são pergaminhos comuns a todas as publicações, muitas delas nascidas com o poder autárquico democrático. Como matriz de longa duração Évora pode ser apontada como um signo de referência e de motivação para os tempos de governação democrática dos municípios. Falamos, claro, do *Boletim A CIDADE DE ÉVORA*, [criado em 1942] e que se mantém vivo e operante, estando na terceira série de vida, mantendo forte ligação às forças vivas culturais da cidade, com especial destaque para o Grupo Pro-Évora<sup>32</sup>, fundado em Novembro de 1919<sup>33</sup>!

No início da década de oitenta surge em Montemor-o-Novo, a Revista *Almansor*, 1983<sup>34</sup>, quase em diálogo de objetivos e de propósitos com a revista algarvia, do Município de Loulé, 1982, intitulada *Revista al-úlyá*<sup>35</sup>. Redes informais de dinamização cultural de municípios com longa memória histórica e com Arquivos Histórico disponível? Talvez, seja uma questão a explorar num outro contexto, fruto certamente do amplo movimento de Encontros e de Congressos de História Local e Regional que se realizaram por todo o país durante o final dos anos setenta e a década e oitenta do século XX.

É neste ciclo que em Portalegre, com o papel de destaque de António Ventura e da ESEP, vingou *A Cidade. Revista Cultural de Portalegre*<sup>36</sup>, em 1988 que foi saindo a público, anualmente com vários números em formato de números temáticos de História de Cultura interdisciplinar nos quais participaram um amplo leque de colaboradores alocadas a diferentes instituições universitárias e unidades de investigação. Em 1991 o município de Marvão, com forte entusiasmo pelo território arqueológico local, lança a *ibn maruan Revista Cultural do Concelho de Marvão*<sup>37</sup>. E em 1993, Vila Viçosa faz nascer a *Revista Callipole*<sup>38</sup>. Será na viragem do milénio, em 2003, que o município de Elvas cria a *Re-*

<sup>32</sup> Cfr. <http://www.evora.net/proevora/000.htm>.

<sup>33</sup> Cfr. <http://www4.cm-evora.pt/pt/conteudos/Livraria+Municipal/Boletim+Cultural++A+Cidade+de+Evora.htm>. [acedido 06 Abril 2018]. E ainda a nota informativa e história do Grupo Pró-Évora, <http://www.pro-evora.org/pt/index.php/comunicados/info-15/44-boletim-a-cidade-de-evora>. [acedido 6 Abril 2018].

<sup>34</sup> <http://www.cm-montemornovo.pt/pt/site-viver/cultura/Paginas/Revista-Almansor.aspx>. [acedido 06 Abril 2018].

<sup>35</sup> <http://www.cm-loule.pt/pt/menu/1302/revistas.aspx>. [acedido 06 Abril 2018].

<sup>36</sup> Curiosamente não existe nenhum *site* associado à publicação da Revista, apesar da sua ampla divulgação e presença em bibliotecas nacionais e internacionais, sendo também referenciados vários números temáticos – de grande impacto visual – em livrarias e alfarrabistas.

<sup>37</sup> <http://www.cm-marvao.pt/pt/revista-cultural-ibn-maruan>. [acedido 06 Abril 2018].

<sup>38</sup> <http://www.cm-vilavicoso.pt/pt/site-viver/cultura/Documents/Revista%20Callipole-Callipole%2024%20FINAL.pdf>, [último número e anteriores índice]. [acedido 06 Abril 2018].

*vista Elvas Caia*<sup>39</sup>. O único título novo, de revista cultural, que marca a temporalidade do novo século, em terras de poder autárquico de Alentejo.

E cada um destes projetos culturais e de intervenção cívica no território constituem, per si, arquiteturas e geometrias diversificadas, polos de atração e de construção de redes de conhecimento e de trocas de investigação. Muitas destas publicações periódicas, anuais, habitualmente, são instrumentos vitais para jovens estudantes universitários publicarem as suas investigações académicas, em franco diálogo com autores já sedimentados na vida profissional. Neste encontro geracional e de conhecimento aplicado ao território, de forma integrada e comparada, reside um dos fatores de sucesso e de relevância nacional e internacional destas Revistas, que recebem mecenato e carinho político por parte do poder executivo dos Municípios. São estas revistas que, muitas vezes, se associam à organização de encontros científicos e que disponibilizam, depois, as suas páginas para apresentar os resultados obtidos. E quando se entram já na fase de disseminação digital de *open access*, acreditamos que fica cumprido um dos objetivos mais nobres e importantes das revistas de cultura na sociedade portuguesa no tempo de globalização.

#### Para balanço aberto

Neste itinerário simbólico aqui traçado confrontamo-nos com a impossibilidade de organizar o fio condutor por cortes temporais tradicionais<sup>40</sup>, ou seja as revistas culturais de fim de Monarquias o tempo da República, as da Ditadura Militar, as da sobrevivência do Estado Novo e o alvorecer de novas madrugadas com aquele dia clara e límpido de Abril de 1974. De facto a linha de permanência e de persistência de muitas das revistas do século XX em Portugal é extremamente resiliente, mas aberta a inovações de contextos de criatividade estéticas e artísticas, ou de novos ventos de cultura vinda do outro lado da cordilheira dos Pirenéus, ou mesmo de ventos que atravessavam o Atlântico, sobretudo a partir de 1945. A permanência de regime autoritário moldou nos atores / autores / editores / tipógrafos / artistas / livreiros a capacidade imaginativa de ter sempre sobre a mesa da atualidade o conceito de Lucien Goldman, o «consciente do possível» cruzado com o empenhamento cívico e ideológico de partidários de uma militância cultural, para a qual os *Cadernos de Cárcere* de António Gramsci muito contribuíram, na invisibilidade das leituras subterrâneas<sup>41</sup>, contribuindo

<sup>39</sup> <http://www.cm-elvas.pt/en/revista-elvas-caia/3973-arquivo> [capas e índices]. [acedido 06 Abril 2018].

<sup>40</sup> Impossibilidade epistemológica semelhante sentiu Quintino Lopes, *A europeização de Portugal entre guerras. A Junta de Educação Nacional e a investigação científica*, Lisboa, Ed. Caleidoscópio, 2017, a enveredar por uma agenda de história da ciência e de cultura científica.

<sup>41</sup> Seguimos as pistas abertas pelo novo conceito de intelectual do século XX e do seu papel na formatação do universo cultural e ideológico da Europa, sobretudo após a I Grande

também para revigorar um país de «brandos costumes» e fazer de Portugal um fórum (de grande invisibilidade perante holofotes de um espaço público controlado) de confronto de ideias. O aparecimento do papel cultural de divulgação de cultura e arte, a Fundação Calouste Gulbenkian, entre artistas plásticos e de performance e a circulação em territórios periféricos das carrinhas das Bibliotecas Itinerantes de Banquinho da Fonseca<sup>42</sup>. Um referente incontornável para se entender o devir dos anos setenta, oitenta e seguintes do século XX em Portugal.

Acreditamos que se possa estabelecer um fio condutor, ténue e invisível, mas persistente e robusto, das várias sementes lançadas por estas carrinhas míticas da Fundação Calouste Gulbenkian que chegavam ao Portugal profundo e que deixaram marcas de leitura e de descoberta cultural, histórica, de memória coletiva de uso de uma biblioteca. Talvez sejam estas sementes, combinadas com outras searas já implantadas na paisagem cultural do Alentejo – e.g. *Boletim da Cidade de Évora* – que tenham desabrochado em muitas das revistas associadas aos municípios de vida democrática, e com progressiva preocupação de projetos culturais consistentes e materializados em publicações periódicas – as revistas de identidade cultural regional / local.

E todos sabemos que cada novo número corresponde a um lançamento sempre renovado de utopia e de certezas, mais um compartimento de um edifício que se vai erguendo à medida que os anos passam. Lançamentos de revistas – sempre com sinal de festa em liberdade – significam também a sociabilidade e a palavra trocada, falada, registada em foto e posta em grande e acelerada circulação por via das redes sociais e do digital arquivo ou do digital biblioteca ou de humanidades digitais.

Que os rituais se continuem a cumprir e que a festa de cultura seja a festa da vida, e que *dure até às tantas...* e esteja sempre presente nas vivências de todo o coletivo de cada novo número de uma revista de cultura!

---

Guerra, que Michel Winock, *O Século dos Intelectuais*, Lisboa, Edição Terramar, 2000 nos proporciona.

<sup>42</sup> Cfr. Daniel Melo, “As bibliotecas da Fundação Gulbenkian e a leitura pública em Portugal (1957-1987)”, *Análise Social*, vol. XL (174), 2005, pp. 65-86.